

Israel contido?

O PRIMEIRO-ministro de Israel visitou Washington esta semana. Netanyahu chegou rodeado de um coro de comentários internacionais que apostavam num confronto com Obama – sonhando com a ideia de que uma pressão dos EUA sobre Israel seria fácil, um verdadeiro 'Abre-te Sésamo' para a paz na Terra Santa.

Até agora, a Administração Obama manteve as relações com Israel num limbo. O fim da operação militar em Gaza, a preocupação em reduzir a animosidade muçulmana, as eleições em Israel, e – admita-se – a digestão dos dossiês classificados que se tornaram sua responsabilidade, poderão explicar a ausência de sinais claros por parte dos EUA.

É possível que seja esse o sinal.

Mas é mais provável que se trate de coordenar essas políticas com a gestão da frente iraniana. A ansiedade com esta frente vem incutindo um novo realismo a países como o Egípto, Arábia Saudita, Jordânia e Estados do Golfo.

ISRAEL está numa posição complicada: no olho do furacão, sem recuo estratégico, severamente condicionado pelas frentes iranianas a norte e sul, e síria a leste, e ainda uma incerteza estratégica quanto ao triângulo com os EUA e o Irão.

Só com a recente incursão em Gaza se percebeu claramente a sofisticação e o âmbito dos esquemas de contrabando ali montado e o papel ali desempenhado por elementos dos Guardas Revolucionários iranianos. Aparentemente, desde a interceptação por comandos israelitas do barco Karin A – que em Janeiro de 2002 levava um carregamento de armas para Gaza –, os iranianos mudaram o modo de funcionamento: passaram a contrabandear pequenas quantidades através de uma rede complexa de mediadores. Es-

sas 'pequenas' remessas incluem katyushas – e os israelitas temem que se sigam mísseis Fajr com alcance de 70 km a partir de Gaza.

Diz-se que actualmente há mais mísseis balísticos apontados a Israel em números absolutos do que a qualquer outro país no mundo. Para além dos creditados ao Irão, Hamas e Hezbollah (mísseis balísticos com alcance de 300 km), a Síria também está indicada como detentora de um vasto arsenal de mísseis em silos, capazes de atacar qualquer ponto do território israelita.

A RECENTE operação militar em Gaza constitui mais um aviso sério no que toca a retiradas da Cisjordânia: entregar terra não traz paz e diminui as capacidades de defesa do Estado. Enquanto não houver condições de segurança na Margem Ocidental, será difícil encontrar israelitas que apoiem uma retirada das forças armadas e de defesa.

Uma sondagem recente indica 51% dos israelitas contra um Estado palestino, com 32% a favor; 52% estão certos de que um Estado governado pela Autoridade Palestiniana causará ataques de morteiro nas cidades do centro do Israel; 31% de votantes Kadima declararam que, se soubessem que o seu partido apoiava tal Estado, votariam noutro partido.

A percepção nacional parece ser de que há muito pouco que se possa fazer em Gaza e na Margem Ocidental a não ser lutar ocasionalmente contra o Hamas e ajudar os palestinianos a construir instituições, como no caso da Missão Dayton de treinar e equipar forças de segurança palestinianas.

A OPINIÃO pública israelita está consideravelmente desencantada com o chamado processo de paz, e parece estar maioritariamente inclinada para a conclusão de que o conflito não é sobre as fronteiras de 1967



Manuela Franco

Investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais – U. Nova

A opinião pública israelita está desencantada com o processo de paz. E pensa que o conflito já não tem a ver com territórios ocupados – mas com a própria existência do Estado de Israel

mas sobre as de 1948... Ou seja, o conflito não é sobre territórios mas sobre a própria existência do Estado de Israel.

Finalmente, o *backlash* anti-semita e anti-sionista que cresce no mundo contra a legitimidade do Estado de Israel, sobretudo nos países europeus, constitui um elemento profundamente destabilizador da comunidade política israelita. Este estado de espírito marcou as recentes eleições legislativas – e deseja uma liderança com muito reduzida margem de manobra.

ISRAEL provavelmente deseja evitar choques com os EUA, para tentar facilitar a cooperação no dossiê iraniano – que parece ser uma questão complicada no relacionamento bilateral.

Já o foi na segunda administração Bush – e, agora que a Administração Obama parece estar disposta a uma aproximação ao Irão, Israel acha-se muito céptico. Um cepticismo que atinge todo o espectro político israelita.

A inclinação de Israel para a direita não significa de modo algum o fim da solução de 'dois Estados' como modelo dominante para a resolução do conflito com os palestinianos. Israel nunca conheceu uma transferência de poder violenta. Nos primeiros trinta anos do Estado, liderou o Partido Trabalhista; nos trinta anos seguintes, salvo raras excepções, o país foi governado por coligações de direita ou de centro-direita.

A PLATAFORMA do Likud limita-se a condenar quaisquer outras retiradas unilaterais, no modelo do Líbano ou de Gaza. E pode muito bem trabalhar para a viabilidade da Cisjordânia sob a autoridade da Autoridade Palestiniana, preparando o dia em que o Hamas não possa já exercer um veto sobre a paz entre Israel e essa Autoridade. Por agora, as realidades no terreno impedem qualquer acordo de paz.

BREVES

Participação política dos luso-americanos em debate ...

DIPLOMATAS, académicos e portugueses que exercem cargos políticos no estrangeiro reuniram-se em Lisboa para debater o 'Portuguese American Citizenship Project' – um programa apoiado pela FLAD para a promoção da participação cívica e política da comunidade luso-americana. Iniciado há dez anos, o programa conseguiu resultados notáveis na sensibilização para o exercício do direito ao voto e participação e influência dos luso-americanos nas comunidades dos Estados Unidos em que estão inseridos. James McGlinchey e Elmano Costa, dois responsáveis pelo programa, apresentaram a metodologia usada, que já tem seguidores noutros países.

... também nos Açores

O 'CITIZENSHIP Project' foi também apresentado em S. Miguel, nos Açores. James McGlinchey esteve em Ponta Delgada, enquanto responsável por este programa, para apresentar os resultados conseguidos ao longo dos últimos dez anos. Na conferência estiveram, também, Mário Mesquita e António Vicente, da FLAD, e ainda um representante do Governo Regional dos Açores.

Sara Pina